

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Quinta temporada

Episódio #26: “Perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia:
Experiências de troca e mobilização a partir da antropologia”

Transcrição do episódio: Maxie Viana Pereira

Revisão da transcrição: Luana Ainoã, Daniela Manica, Soraya Fleischer

Roteiro

LEGENDA

- Blocos
- Sonoplastia

Vinheta de abertura: “Já foi”, de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

BLOCO 1: Apresentando o primeiro episódio da quinta temporada

Soraya Fleischer: Olá, neste mês de agosto de 2024, estamos começando a quinta temporada do Mundaréu. E esse episódio vai ser um pouco diferente dos próximos nesta temporada. Como você se

lembra, em 2023, começamos a desenvolver nossa pesquisa sobre perspectivas feministas da ciência e tecnologia na América Latina, ou na América Latina, como disse Lélia Gonzalez.

Nesta pesquisa, estamos visitando várias universidades. Fomos em várias no Brasil e outras na Argentina, como você deve ter ouvido na série "Mundaréu na Argentina", que foi lançada em abril deste ano de 2024. E recentemente a equipe do Mundaréu visitou antropólogas feministas na Colômbia e este material gravado virará uma série em 2025. Além disso, participamos e também organizamos eventos, sempre introduzindo as pautas da Antropologia feminista. O episódio de hoje foi gravado no encontro da Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias, que chamamos de ESOCITE-BR. Esta décima edição do evento aconteceu em Maceió, na Universidade Federal de Alagoas, no final de outubro de 2023.

Nesta ESOCITE, nós propusemos o Fórum "Perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia: experiências de troca e mobilização a partir da antropologia". Nesse fórum, participaram três duplas. Primeiro, Telma Low (psicóloga e professora da UFAL) e Débora Allebrandt (antropóloga e professora da UFAL). Segundo, Laert Malta (estudante de psicologia da UFAL e ativista no campo trans e da deficiência) e Nádia Meinerz (antropóloga e professora da UFAL). E a terceira dupla, Isabel de Rose (antropóloga e professora da Universidade Federal de Santa Catarina) e Clarissa Reche (antropóloga e doutora pela Universidade Estadual de Campinas). E vamos reproduzir aqui o diálogo entre cada dupla, na sequência original do Fórum. Daniela Manica, minha parceira de Mundaréu, antropóloga e professora da Unicamp, coordenou a mesa. E eu, Soraya Fleischer, que sou antropóloga e professora da Universidade de Brasília, estava presente na plateia, assistindo tudo.

Aqui, você escutará o registro dessa conversa, que atualiza e amplia as discussões que temos tratado aqui no Mundaréu. Na descrição do episódio, você pode ver o resumo da proposta que fizemos para este fórum, bem como dicas de outros materiais e publicações das 6 convidadas. Nossa ideia principal era colocar para conversar antropólogas e interlocutoras situadas a partir das perspectivas feministas que percorrem o campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Nessa gravação, você vai ouvir ruídos do ambiente, pessoas eventualmente entrando e saindo do recinto, risadas e algumas palmas. Além disso, optamos por não usar o microfone do alto-falante e cada fala foi gravada com os microfones individuais. Isso garantiu uma qualidade um pouco melhor do áudio para o podcast. Então, agora, eu peço para você se imagine em uma universidade pública, dentro de um grande auditório, com umas 50 pessoas sentadas em cadeiras de plástico azul, um palco com uma longa mesa branca, onde as seis participantes e a coordenadora do Fórum estavam sentadas e reunidas. A equipe do Mundaréu ajudou na gravação. Fazia calor, era de tarde, mas havia um ar condicionado ali dentro. Precisamos cumprir o horário certinho que nos foi oferecido para realizar o Fórum porque, em seguida, aconteceu o lançamento de livros, o coquetel e a conferência de abertura do evento. A Nádia e a Débora, coordenadoras gerais daquela ESOCITE BR, precisariam estar nessa continuidade de eventos da noite.

Então, agora, bora passar pro Fórum. E a gente se ouve mês que vem, em setembro, com novas histórias de pesquisa feminista.

BLOCO 2: Gravação do Fórum "Perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia: experiências de troca e mobilização a partir da antropologia", na ESOCITE-BR

Daniela: Boa tarde. Tudo bem? Queria agradecer a presença de todo o mundo. Esse é o fórum "Perspectivas feministas sobre ciência e tecnologia: Experiências de troca e mobilização a partir da antropologia". É... eu sou uma mulher branca de franja, estou com uma blusa laranja. A gente está no auditório da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Alagoas. É uma sala branca, grande, alta... é com escadas que... descem para o palco, onde nós estamos sentadas. É uma mesa de madeira. Estamos sentadas na sequência, Clarissa, Isabel, Débora, eu, Telma, Laert e Nádia. Nossa equipe do Mundaréu, Irene e Fernanda estão gravando com os microfones aqui. Então nós aproveitamos o desenho desse fórum, que é para ser um momento de diálogo entre universidade e coletivos e movimentos sociais externos à universidade, para trazer uma proposta de conversa. Uma conversa entre três duplas de antropóloga e sua interlocutora e interlocutor de pesquisa. Tem uma antropóloga interlocutora também, mas ela vai estar ocupando esse lugar de é... "de fora", digamos assim, um fora meio dentro. Depois, elas vão explicar. Mas a proposta é... é fazer uma coisa que a gente costuma fazer com o Mundaréu, que é colocar essa dupla para conversar. Então nós pedimos para que todas as duplas pensassem em perguntas a partir das indagações que a gente faz na nossa pesquisa atual que tem a ver com o impacto público da construção do conhecimento na antropologia, tem a ver com demandas locais e políticas que as comunidades colocam para a universidade e para a antropologia. E tem a ver com tentar entender perspectivas feministas, antirracistas, anticapacitistas, decoloniais, interseccionais e vários outros... várias outras dobras que impõem um posicionamento e um certo questionamento da atividade das antropólogas. Então, queria agradecer imensamente Débora e Nádia que estão à frente desse evento lindo e completamente enlouquecidas com as demandas por terem aceitado, né? Participar disso aqui, que é mais uma coisa, entre tantas outras que vocês estão fazendo. A gente reconhece com muito carinho essa... essa dedicação de vocês estarem presentes. E vou começar então com essa dupla, Débora e Telma pedindo para que elas se apresentem muito rapidamente e coloquem questões uma para a outra, começando, como a gente costuma fazer no Mundaréu, sempre trazendo a interlocutora de pesquisa para começar a conversa para colocar questões para antropóloga. Então, Telma, a palavra está com você. Você faz as perguntas e depois Débora responde, e aí, volta para você responder para ela. OK, obrigada.

Telma: Boa tarde, gente. Eu sou Telma, eu vou fazer minha audiodescrição, tá? Sou uma mulher branca, é... de cabelos castanhos escuros, óculos de armação vermelha. É... estou com vestido estampado de alça e sou daqui da UFAL, sou da psicologia e estamos juntas nessa pesquisa. É... pensando um pouco a saúde materna infantil no contexto de Alagoas, desde a perspectiva feminista. E aí a minha pergunta para Débora, é... uma companheira que está aí envolvida nos processos, principalmente do protagonismo dos podcasts. É... eu fui pensando em duas questões para a gente conversar um pouquinho, né? Primeiro, para a Débora poder situar é... a nossa pesquisa, quais são aí os caminhos que a gente tem percorrido. E segundo, para a gente tentar pensar os desafios e aprendizados com os processos de construção dos podcasts e como é que a gente pode estar pensando esses podcasts, para além do contexto da universidade. Como é que ela pensa que os podcasts podem alcançar mulheres usuárias, mulheres dentro dos territórios, profissionais da saúde, que é um pouquinho da nossa

proposta.

Débora: Boa tarde, gente. É... queria muito agradecer o convite, gente, é uma oportunidade muito legal estar podendo conversar com vocês e ter esse momento de serenar, porque realmente está uma loucura. Mas... então eu sou Débora... Allebrandt. Sou antropóloga, é... sou uma mulher de estatura baixa, tenho cabelos loiros, escuros, curtos na altura dos ombros, olhos azuis, uso óculos vermelhos também (risos), deve ser uma assinatura (risos). Eu estou usando um vestido verde cruzado, é... e estou sentada na maior cadeira no meio da mesa (risos). É... e acho que Telma tem... tem questões muito bacanas para situar essa... esse nosso projeto de pesquisa que eu devo dizer também não é só meu e de Telma e de Nádia também. Então, a gente está numa tripla representação aqui desse projeto, né? Então, é... a primeira questão que... que Telma trouxe é pra gente pensar esse percurso da pesquisa. A gente pensou, essa pesquisa que fala sobre a saúde da mulher... é... e saúde reprodutiva, direitos sexuais e reprodutivos, desde o início como sendo um podcast. É... a gente queria trazer essa linguagem e a razão para que a gente tenha escolhido isso, ela envolve, é... desafios muito específicos do lugar de onde a gente está falando. Nós estamos na UFAL, então muitos de vocês não são da UFAL (risos), não conhecem os desafios, é... de se fazer pesquisa numa universidade pública, é... periférica, situada no Nordeste, né, numa das capitais, é... tão empobrecidas e sofridas, né? A gente fala muito de Alagoas como essa terra machucada, né? Então, é... quando a gente pensou nos podcasts, a gente pensou numa mídia acessível, tanto para as pessoas que pudessem ouvir os podcasts quanto para a gente conseguir produzi-los, é... nos dando conta também que existem outras barreiras. Eu acho que a gente era mais otimista quando começou esse projeto, né? Acho que agora a gente tem um pouco mais o pé no chão (risos). Mas uma proposta... é... pra falar de saúde da mulher vinda de antropólogas pra falar de direitos sexuais reprodutivos, construída numa parceria entre antropólogas e psicólogas [risos]. Não é uma pesquisa que vai receber financiamento de graça [risos], assim... a gente batalhou muito e a gente não conseguiu [risos], apesar da gente sempre ser muito bem avaliada, né? A perspectiva que a gente traz no projeto desse... desse feminismo, da interseccionalidade, dessa construção, é... de um... de um produto para educação permanente. É algo que... que estranha muito os nossos avaliadores. Então, a gente não recebeu o financiamento até hoje [risos]. É... para esse projeto sozinho, a gente conseguiu outras fontes de financiamento, quando a gente colocou esse projeto dentro de um outro projeto. É... e... e é por isso que ele está finalmente chegando a esse lugar de termos um episódio piloto... de... a gente estar quase conseguindo, é... colocar ele no ar. Então... é... existem... existem muitos desafios, né? Da... da construção da pesquisa e da gente conseguir viabilizar uma pesquisa que tenha um caráter inovador e marcadamente feminista, que é o caso da nossa pesquisa, né? É... e tratando de temas tão complexos como a violência obstétrica, né? A gente aprendeu, já desde o início, que a gente não podia colocar nos... nos títulos, né? É... fazer grandes direcionamentos, dizendo que a gente vai tratar, entre outros temas, de violência obstétrica. Se a gente disser que vai tratar de violência obstétrica e de aborto, a gente não recebe financiamento em nenhum lugar desse planeta, eu acho [risos]. Então, eu acho que os... que os podcasts, eles nos ajudam a desaprender muitas coisas, né? A gente construiu a pesquisa, é... num modelo relativamente formal, né? A gente foi lá, fez entrevistas, termo de consentimento livre esclarecido, Comitê de Ética... e tudo o mais. E aí quando a gente chegou no momento da montagem dos podcasts, a gente se deu conta que a gente tinha outros desafios... é... que envolvem como que a gente vai narrar aquilo que as pessoas nos contaram nas entrevistas. A gente se deu conta que a gente

não pode usar as entrevistas nos podcasts do mesmo jeito que a gente faz, por exemplo, num texto, né? E... e obviamente a gente aprendeu muito sobre... é... e se inspirou muito no nosso próprio fazer enquanto antropólogas no contar e recontar histórias. Então, quando a gente começou a construir os roteiros, a gente pensou em encenar, em... trazer atores, né? Para fazer um pouco a parte das entrevistas e a gente acabou construindo uma solução que parece ser muito interessante, que é de trazer as pesquisadoras que fizeram as entrevistas para contar o que elas aprenderam nessas entrevistas, que é um pouco que a gente faz nos textos, né? Então, ao mesmo tempo que a gente se desloca, se afasta dessa textualidade, né? Tem coisas que a gente aprende muito com ela e traz de volta para os podcasts e acho que o mesmo movimento acontece também quando a gente está escrevendo sobre, né? Então, tem... é... tem produções que a gente está começando a construir agora e que envolvem também essa reflexão sobre como a gente já está lidando com essa linguagem “podcastal” [risos] e o quanto ela nos inspira a sermos, talvez, mais concisas, mais acessíveis, né? E acho que, encerrando um pouco a minha fala para a última questão, que era talvez a mais importante, né? Que é pensar como que a gente alcança com os podcasts, né? A partir da universidade, pessoas nas comunidades, né? É... e como que isso pode impactar políticas públicas... eu acho que essa é a nossa grande esperança, que a gente realmente consiga veicular esses podcasts e que eles reverberem nessas comunidades, né? E... e entre essas usuárias. E, especialmente, que eles tenham algum impacto nas políticas públicas, né? Oxalá a gente consiga isso. Então, a minha pergunta para a Telma. A Telma trouxe muito para a nossa pesquisa essa preocupação com a educação permanente, né? Então... eu queria que tu nos falasse um pouco como você pensa que os podcasts podem contribuir para a educação permanente. E como as pesquisas que têm caráter interprofissional, como a nossa, mais uma interprofissionalidade que não é necessariamente esperada nas pesquisas no SUS, né? A gente está falando de antropólogas, psicólogas... a gente teve, é... no nosso projeto, pediatras nutricionistas, né? Mas acabou que o que a gente continuou como grupo sendo antropólogas e psicólogas, né? É... como que essa... esse... esse tipo de interprofissionalidade pode ser incorporado como parte de... da atenção integral no SUS, para pensar políticas de atenção integral no SUS, também. Trazendo esse nosso saber um pouco deslocado da ciência biomédica, né? E como a nossa pesquisa e o nosso processo de construção coletivo, partilhado e feminista pode nos ajudar a caminhar para a universidade que nós queremos?

Telma: Oi, gente. Quero agradecer também, né? Que eu fui rápida para poder dar tempo para Débora, mas agradecer pelo convite, dar as boas vindas a todo mundo, né? Principalmente quem está vindo de fora. Sejam bem-vindes à Alagoas, à Maceió. A gente pensou essa pesquisa a partir de um tripé metodológico e teórico, né? Que é a educação permanente em saúde, interprofissionalidade e interseccionalidade. Então, somos... a gente se coloca sempre como feministas e pensar educação permanente em saúde no SUS e interprofissionalidade como feministas já é uma barreira. Se a gente não estivesse falando desde esse lugar, teria sido muito mais simples e mais fácil, né? É... educação permanente de saúde é uma das políticas, é... mais importantes do SUS porque pensa a formação de trabalhadores e trabalhadoras da saúde. E a interprofissionalidade, ela é pensada desde a educação interprofissional, ou seja, que a gente tivesse cursos de graduação integrados para a gente poder estar juntas e juntos já construindo uma prática interprofissional nos cenários. E aí é... é um grande desafio pra gente... é pensar que, num contexto, pelo menos onde a gente está, essa é uma política que cada vez tem menos investimento, recurso, né? Então, pensar a formação de profissionais nos serviços não é

prioridade. E aí, as próprias interlocutoras das... da pesquisa da gente mostram que elas precisam correr atrás desse conhecimento. E aí esse conhecimento deixa de ser interprofissional, porque à medida que eu vou fazer uma especialização, vou fazer uma capacitação... eu vou fazer sozinha, numa área de conhecimento específica e eu não estou valorizando aquele espaço do serviço para pensar e problematizar as questões. E aí a gente pensa num desafio e complexidade que é pensar saúde reprodutiva, desde a perspectiva feminista, mexendo na educação interprofissional e mexendo nos espaços de formação no serviço. Então, esses são desafios muito grandes e eu acho que os podcasts, a gente quando pensou nos podcasts, na verdade, a gente se... se integrou para de fato realizar essa pesquisa depois de uma audiência pública na OAB sobre violência obstétrica aqui. E essa audiência foi, assim, um arraso, porque deixou a gente impressionada, porque eram muitas mulheres no mesmo espaço, denunciando várias violações. Então... foi muito triste aquele momento, mas também impulsionou a gente se juntar. Mas a gente já sentia os desafios, que é, como a equipe de pesquisadoras de várias áreas, desenvolver a pesquisa, formar a gente enquanto pesquisadoras, a partir de perspectivas teórico-metodológicas tão diferentes. Então, a medicina tem uma perspectiva de pesquisa, a antropologia tem outra e a psicologia.... E aí a gente já começou sentindo esses desafios entre a própria equipe. E aí, como é que os podcasts podem chegar? Se a gente consegue fazer parcerias de fato, para que eles estejam na formação dos cursos de graduação, né? Pensando esse processo e também, é... nos serviços. E aí pensar nos serviços num contexto de precarização e de terceirização... também é muito difícil. Então, o que a gente tem construído, é... são questões importantes que não dá mais pra gente enquanto profissional da saúde, e eu me considero uma profissional da saúde, é... relevar. O apagamento do racismo institucional, é... a transfobia que existe nos serviços, pensar corpos que podem gestar e parir somente a partir de uma perspectiva de mulheres cisgêneras. Então, assim, não dá pra gente continuar com essa lógica. E os podcasts vão também trazendo possibilidades da gente ampliar e convidar as pessoas. E aí convidar sem tanta perspectiva de responsabilização. E qual é a universidade que a gente deseja? É uma universidade muito diferente dessa, né? [risos] Em todos os sentidos... porque a gente... é... a gente não tem apoio para recurso, a gente tem gestões que são predominantemente masculinas, homens, né? Em vários contextos, de pró-reitoria... de espaços de poder. E a gente tem, é... um Estado que é muito conservador, com índices e indicadores de saúde muito difíceis e que, de fato, aí... é... a gente romper essa barreira tem sido um desafio, mas também eu acho que essa pesquisa nos... tem nos possibilitado muitas redes. Redes afetivas e redes interinstitucionais e isso tem contribuído.

Transição musical.

Daniela: Perfeito. Muito obrigada, Telma. Vou passar então agora pra próxima dupla que é Nádía Meinerz e Laert Malta. Começando com Laert, que vai perguntar, depois Nádía responde.

Laert: Boa tarde, como foi dito, eu sou Laerte Malta, sou da psicologia aqui na UFAL. E... eu sou um corpo negro, indígena, trans e com deficiência visual monocular, baixa visão. É... e conheci Nádía através do projeto de defesa de tese de Bruna Teixeira e a partir disso surgiram vários projetos, como “Retratos deficiças”, o filme “Deficicena”, enfim, entre... muitos outros, né? Projeto social, uma ONG ativista, como a gente fala, feminista, juntamente com a academia. E aí, duas... as duas perguntas que eu vou fazer a

Nádia, é... como o estar na academia fortalece, né, o movimento social. E quais os desafios, né, para conectar, é... com as atividades feministas desde a academia?

Nádia: Boa tarde, eu sou Nádia Meinerz, sou professora da UFAL, sou também colaboradora do Ateliê Ambrosina de Maceió. E... é... vou me audiodescrever também para a Malta, é... embora ela esteja bem pertinho, mas faz tempo que eu não a vejo, estou muito feliz de reencontrá-la. Então eu estou com os meus cabelos escuros soltos, estou usando um óculos novo, que tem uma bordinha nas pontas, estou usando um vestido bem floreado, é... e estou muito cansada, né? [risos] Estou numa maratona de atividades, a minha coordenadora colocou todas as atividades de fala para mim no mesmo dia. [risos] É, mas eu estou muito feliz também de poder receber Daniela aqui, de poder receber Soraya, o Mundarêu, que é esse projeto incrível que nos inspira, né? Então, é uma alegria muito grande poder falar um pouco é... do projeto “Retratos deficias”, que foi um projeto importante que a gente construiu em parceria entre a UFAL, o Ateliê Ambrosina de Maceió, e a Western University do Canadá. E que nos ajuda a pensar um pouco essa, é... possibilidade, para mim, pessoalmente, de continuar na academia, considerando, né, [risos] todo esse cenário que já foi descrito aqui pelas... pelas colegas que me precederam na fala, né? Então, a UFAL é um... é um ambiente bastante árido, né? E a aproximação com o movimento social ela é para mim uma saída, é... necessária. Não, não por acaso, né? Não apenas por causa... em virtude da falta de opções, mas porque, né... na minha trajetória, é... essa relação distanciada com o movimento social ela nunca foi possível, né? Então, eu trabalhei, é... durante a minha pesquisa de doutorado, com a Liga Brasileira de Lésbicas, é... do Rio Grande do Sul. Que é um movimento também organizado, né, era um movimento, agora que está bem mais enfraquecido, mas no início dos anos 2000, né? Já estamos bem, é... afastados desse momento [risos]. Mas nesse momento uma... uma... é... uma associação muito forte, muito propositiva e muito interpeladora da academia. Não a propor recomendações para a política pública, não a propor saídas e formas de se organizar melhor para acessar recursos públicos, mas é para construir o movimento social junto, né? Então, essa é uma... é uma... é... um traço, uma das coisas mais importantes, né, que a minha formação em Porto Alegre me deixou, essa relação íntima com o movimento social. E que, é... me faz buscar, né, essas parcerias fora. Então, eu acredito que a academia, é... fortalece o movimento social. E a... e a academia precisa estar mais próxima do movimento social do que ela está. Ela precisa estar, no meu entendimento, com um outro tipo, é... de disponibilidade, né? Não como... não como quem pauta, como quem diz: precisamos disso. Mas como quem está construindo, né, os espaços, é... de política, no... né... nas comunidades, nos territórios, nos espaços de disputa em que, né, essas... essas políticas estão sendo construídas. Então, uma das questões que me faz refletir também sobre essa potência desse projeto “Retratos”, né? Onde Malta foi uma grande parceira de descobertas, né, eu acho que tem um... tem sido um.. um.. né, um trajeto importante de um aprendizado colaborativo, né? De uma possibilidade de fazer pesquisa que envolva também o engajamento material, né? Que envolva uma produção, é... não apenas desse lugar da... é... da divulgação científica, mas é... desse lugar do repertório interacional, né? Eu estou pensando, especialmente, a dificuldade, né, que a nossa história de segregação em relação às pessoas com deficiência nos impõe, do ponto de vista da nossa capacidade de encarar, de olhar, de interagir com pessoas com deficiência. Então, o projeto “Retratos” é um projeto que, é... convidou, né? As pessoas com deficiência a se aliarem às pessoas sem deficiência e vice-versa, nesse objetivo de um se deslocar em direção ao outro, né? Porque, sem esse deslocamento, a gente não consegue, é... sustentar a prática

da inclusão social em nenhum espaço. Então, eu acredito que é... essa... essa chave, né? De uma articulação mais interseccional para as práticas acadêmicas, ela envolve, né, essa aproximação. Mas tem também um pouco de tensões, né, em relação a essa configuração, né? A academia trabalha numa temporalidade que é muito distinta do ativismo, né? O formato das nossas ações fazem muito pouco sentido para o formato das ações do ativismo, da militância, das organizações não governamentais, que agora eu já não sei mais o termo correto [risos], não consegui me adaptar a... né? A... a forma é... transversal de descrever organizações que podem ser também organizações privadas, enfim. Mas o tempo, né, além do formato das... das ações, do modo de executar os recursos, de usar os recursos, a gente tem também uma... uma dimensão, né, de um compromisso com a formação que é pensado desde uma outra metodologia, né? Que não é uma metodologia que demanda, né, que as pessoas tenham esse investimento acadêmico, anos de estudo, então faz a disciplina, termina a disciplina. É um aprendizado que se faz na prática... é um aprendizado que resulta da ação. E... né? A gente aqui na academia fica sempre perguntando qual é o movimento, qual é o lugar, quando é que a gente vai formar as pessoas mesmo, né? Quando é que a gente vai trazer, quando é que a gente vai ensinar as pessoas a operacionalizar os conceitos, né? E a gente tem muita dificuldade de perceber que eles fazem sentido para a gente, né? E a gente tende a inflar, né, a nossa expectativa em termos da sua... é... da sua potência, em termos da sua, é... operatividade na prática. Então... é... eu acredito que essa... essa... essas distâncias, né, relacionadas ao formato das ações, à temporalidade, ao modo de pensar o aprender, elas são algo que nos convida a... enquanto academia, a nos transformarmos, a nos modificarmos, a nos deslocarmos em relação a modos de, é... produzir conhecimento, mas não apenas de produzir conhecimento, também de ensinar e aprender, que já não cabem mais, que já, é... demonstram o quanto é... pelo menos nesse contexto, agora, né, voltando para Alagoas, eles talvez, é... nunca tivessem sido tão eficazes quanto o Estado pretendeu, né? Então, essa... essa... demanda por transformar as práticas acadêmicas, ela é uma demanda pulsante no nosso contexto. E aí, vou terminar por aqui. Então, a minha questão pra Laerte é: quais são os desafios para conectar com o ativismo feminista desde essa corporalidade defixa... homem trans...

Laerte: Eu acho que de todos os corpos que eu sou, como eu falei, um corpo negro, indígena, trans e defixa, o que mais sofre ataque constantemente é o corpo com deficiência, né? As pessoas me validam, me incapacitam... é... acreditam que eu não sou capaz realmente das coisas, que eu não sou inteligente. E... já enfrentei muita coisa dentro do próprio curso, né, de sofrer capacitismo de alguns colegas de turma, de alguns professores. E dentro da instituição em si, isso é muito pesado, é algo muito real, onde, infelizmente, o próprio núcleo de acessibilidade não funciona. É muito raro, muito raro você encontrar um aluno que realmente venha a defender, na verdade ultimamente não tem isso. É... todos os dias a gente luta dentro da universidade, né? São... lutas não cotidianas, mas cotidiárias assim... para estar sobrevivendo dentro da universidade, onde muitas vezes há uma evasão, um grande número de evasão, pessoas que desenvolvem processos psicoemocionais muito fortes, que muitas vezes o que impede de estar se formando nem é a deficiência, mas como a pessoa se sente dentro da deficiência, né? Eu digo que eu acordo com a deficiência visual, eu passo o dia com a deficiência visual, eu durmo com a deficiência visual, mas nos últimos anos, somente quando eu chego na universidade é que eu me sinto incapaz pela forma como me tratam. Essa coisa do corpo trans, eu tenho uma forma diferente de pensar, né, assim... sobre isso, porque... antes de Laerte, né, ter vida, existe uma mulher muito bem

resolvida dentro de mim. É... e algumas pessoas encaram isso de forma estranha, mas eu acredito muito que todos nós temos as duas essências. E aí essa questão dentro da academia, eu não... eu acredito também que pelo... até pelo curso que eu faço, que é de psicologia, né? Eu me senti bem acolhido, assim. Mas é por presenciar e escutar de outros colegas em outros cursos, a realidade não é a mesma, né? Eu acho que o que pesa realmente dentro do... da academia com relação a esses dois corpos, né? Como questionado por Nádia, é justamente o corpo com deficiência, né? Acho que já chegou períodos de eu pensar realmente todos os dias em não vim para a UFAL, já aconteceu de eu acordar de manhã e chorar e pensar, “Caramba, velho, eu vou para a UFAL?”, sabe... assim? E, às vezes, uma coisa mais simples, que é a adaptação do texto, isso não acontece. Eu até... eu afirmo, né, por vários testemunhos, os maus tratos que muitas vezes ocorrem dentro do... do próprio núcleo do laboratório de acessibilidade conosco. É que... a sensação que todos nós temos é que por eles nós não estaríamos aqui, né? E até falas absurdas que um colega ouviu... é que um professor disse que não ia ajudar o aluno para que ele não se formasse, para não ter uma pessoa como ela, com deficiência, trabalhando lado a lado com ele. Então, assim... são coisas absurdas, onde eu acredito sim que a academia ela é um reflexo da sociedade. Mas também é dentro da... do... do espaço universitário que a gente forma profissionais. Então, assim, eu acho que precisa muito trabalhar isso, né? Capacitar os professores, capacitar o corpo técnico e... o... o próprio reitor que não sabe lidar com isso, né? Pró-reitor estudantil que não sabe lidar com isso. Então, uma coisa que eu tenho muito é de, tipo, não sabe lidar comigo, me pergunta como é que lida comigo. E aí nós vamos aprender formas diferentes, disso. Porque... muitas pessoas sem deficiência precisam de auxílio, de ajuda, de alguma coisa. Então, por que que um corpo com deficiência ele tem que ser descartado, quando, na verdade, ele só é um corpo diferente? É uma personalidade, é uma essência que tem ali, mas é apenas um corpo diferente, como existe o corpo alto, magro, gordo, baixo... enfim... calçado 34, outro 40 e pouco... são corpos diferentes, né? Que também são até capazes de... de fazer o mal, né? Tem gente que tem essa imagem de pessoas com deficiência, que é o pobre coitadinho, não sei o que... fala até como se tivesse falando com uma criança [risos], né? Então, assim, nós temos potencial, nós temos capacidade, só falta a gente realmente querer buscar, mas isso não significa que nós também não possamos ter auxílio. E... uma coisa que eu percebo muito dentro da universidade é confundir autonomia com independência. É... em que sentido: eu posso, sim, ter autonomia de querer fazer uma coisa e outra, de ter ideias de projetos e tudo, mas isso não significa que eu tenha uma certa independência de fazer só... de conseguir até, não aprendendo a mobilidade, me locomover só dentro da universidade, né? Acho que vocês, que são de fora, perceberam que não há acessibilidade alguma aqui no campus universitário. Então a gente tem que lutar todos os dias com a questão da estrutura, com a questão burocrática e com a questão do trato. E... é isso... até onde o corpo universitário não para pra pensar nesse lugar diferente, né? Uma coisa que eu sempre falo: não gosto da palavra “empatia” [risos]. E que... é muito utilizada no... no curso de psicologia, né? De você ter empatia pelo outro. Mas, ao mesmo tempo que eu compreendo, você nunca vai ser capaz de saber o que é que o outro vive, mas você é capaz de compreender que o lugar do outro é diferente. Então, a partir dessa observação, dessa escuta, o que é que você pode fazer para que o lugar do outro fosse acessível também, sabe? Que ele possa ter o direito de ir e vir, se formar e também fazer a diferença, que muitas vezes é impedido pela pessoa sem deficiência, né? Os desafios... o desafio maior é justamente esse, né? De não permitir conhecer um outro universo, eu não permitir... eu não sair desse local da... acadêmico, não sair desse lugar tão... conservador. Enfim, eu acredito que esse projeto que a

gente aqui da UFAL, junto com a Universidade Western e a ONG Ateliê Ambrosina, ela conseguiu... mexer não somente contra essa questão do capacitismo, né? Começou também a mostrar os potenciais de pessoas com deficiência. Eu antes via, hoje não e amanhã pode chegar a ser qualquer um, então... será que perder a visão ou movimento de um corpo, **uma parte de um corpo, vai fazer com que você deixe de ser a potência que você pode ser? Você só não vai ser se você não quiser.**

Transição musical

Daniela: Obrigada, Laert e Nádía. Vamos passar para a última dupla, é... que é Isabel de Rose e Clarissa Reche começando por Isabel.

Isabel: Então... boa tarde a todas e a todes. Meu nome é Isabel, é... eu sou uma mulher branca, alta, de cabelos bem curtos. Eu tenho várias tatuagens visíveis no braço e eu estou de vestido azul. É.. eu sou antropóloga, é... eu fui professora visitante aqui na UFAL, estou bem feliz de voltar aqui e rever as pessoas, então quero agradecer. Estou bem feliz de participar desse fórum, agradecer a Clarissa pelo convite. É a primeira vez que eu sou uma interlocutora também [risos]. E... é... eu trabalho principalmente com saúde, religião e saberes tradicionais e eu vou fazer minhas perguntas para a Clarissa. Então, é... na sua tese de doutorado, você propõe focar trajetórias menstruais de antropólogas, especialmente na área de etnologia, pensando se e como a experiência de menstruar em campo é expressa no modo como se produz conhecimento antropológico. Aí eu queria te pedir para apresentar pra gente, em linhas gerais, sua pesquisa e contar como você chegou nesse tema aí, nesse recorte e como essa proposta se relaciona com a sua própria experiência e trajetória. E uma segunda pergunta, que é, quais as metodologias que você empregou nessa pesquisa e como isso dialoga com a sua proposta de pensar uma ciência feminista, decolonial e anticapitalista... é... e com base na sua experiência, quais são as potencialidades, os limites e os riscos de uma pesquisa com essa temática e esse enfoque.

Clarissa: Boa tarde, pessoal. É... meu nome é Clarissa, eu sou uma pessoa grande, hiperativa, é... estou vestindo uma roupa preta, uma corrente dourada, uma bijuteria bem barata e uma corrente de miçanga com as cores do reggae. E... além disso tudo, eu sou uma pessoa trabalhadora, né? E como uma pessoa trabalhadora, filha de trabalhadores que eu estou aqui conversando com vocês hoje, né? Antes de qualquer coisa, eu acho que antes de responder, muito obrigada também pelo convite. Muito obrigada, Isabel, por topar e... pelas perguntas que vão me dar oportunidade de conversar um pouquinho hoje. Eu queria começar falando de uma antropóloga cubana, que é a Ruth Bear, que eu gosto bastante, que ela fala sobre uma escrita vulnerável, né? E aí ela diz que uma... quando você escreve vulnerável, de uma forma vulnerável, né? Colocando seus sentimentos, as... as pessoas respondem de uma forma vulnerável para você. Então, eu estou dando esse aviso, porque eu quero deixar claro que esse é um ambiente de vulnerabilidade.... [risos] eu vou falar sobre a minha trajetória, sobre a minha pesquisa e eu vou falar muito sobre mim mesma, né? É... e sobre meus sentimentos. Então, é... para criar uma corresponsabilidade das vulnerabilidades aqui. É... eu sou de São Paulo. São Paulo, para quem conhece, é uma babilônia, né? São Paulo é o centro da periferia e eu venho da periferia do centro, assim... então... é... estou num ambiente de contradição o tempo todo. Como eu disse, minha família... é...

uma família humilde de trabalhadores, eu sou a primeira pessoa da minha família a conseguir fazer ensino superior pelo PROUNI, né? Entrei por um programa social e nunca pensei em estar aqui, nunca na minha vida! Assim, era uma coisa que era proibida para minha pessoa, assim... proibida é... como forma de pensamento mesmo, né? Eu fiquei pensando muito em como responder essas perguntas e eu fiquei lembrando muito sobre todos os trabalhos, outros que eu tive na minha vida, né? Onde eu era extremamente explorada e alienada, né? Minha família toda é alienada do próprio trabalho. E aí eu fui relembrar sobre essa palavra, né? Marx define “alienação” como a impossibilidade de você fruir materialmente e espiritualmente. Ele usa essa palavra daquilo que você produz, né? Então, durante todos os meus trabalhos e todos os trabalhos da minha família são assim, né? Ninguém consegue... é... fruir daquilo que produz, que está se produzindo sempre para o outro, para o chefe, para o patrão, né? Para o dono daquilo. E eu estava cansada de ser explorada, né? E... e explorada em São Paulo é muito cruel porque você ficar quatro horas no trânsito para ir e para voltar do seu trabalho. E eu vi na educação superior uma... uma chance mesmo, né? De... fugir dessa... desse ciclo, romper esse ciclo e... ganhar melhor, né? É... obviamente, fazendo... eu fiz Design de Produto numa universidade particular... isso não aconteceu, né? Obviamente, eu não vou também entrar em detalhes porque eu acho que vocês conseguem imaginar, mas aí eu fui migrando depois, insisti e fui para a universidade pública. É... desde então, desde que eu estou aqui, eu venho experimentando condições de trabalho muito melhores, assim muito melhores, né? A principal dela é não ser diariamente humilhada intelectualmente, né? Porque isso acontece quando você está num... num trabalho normal, você é humilhado diariamente. Aqui eu não sou. Não estou falando que dentro da academia não tem trabalho alienado, tem. E na verdade é a maioria, absoluta. Eu acho que a gente aqui está numa bolha de proteção, mas, é... você pode... a gente está na universidade de farmácia, né? Se a gente sair daqui e for em qualquer laboratório, eu posso garantir que tem trabalho alienado nesses termos, né? Que... muitas das pessoas que estão trabalhando ali não conseguem usufruir materialmente e espiritualmente daquilo que elas produzem, né? Seja porque elas não podem ter dinheiro para comprar aquilo ou seja porque, é... elas participam de um processo tão pequeno da construção daquilo que elas estão fazendo, que elas perdem a noção do todo, do que elas estão trabalhando, né? Isso é muito comum na carreira científica como um todo, né, se trabalha em um projetinho, mas você não vai fazer ideia do que aquilo é de uma forma maior, né? É... muitos professores agem como patrões, né? São os... os donos do laboratório, têm a chave do laboratório e vivem, como Marx diz, de... são “vampiros”, né? Que sugam a energia vital daquelas pessoas que estão trabalhando com eles, né? Numa perspectiva feminista da ciência e do trabalho dentro da ciência, acho que essa é uma das principais coisas que... a gente precisa romper, né? Romper com a apropriação do trabalho, romper com a hierarquia do trabalho, romper com essa forma de se relacionar com os outros, né? Fazer um trabalho construído coletivamente e não com apropriação e acumulação de um conhecimento por uma pessoa que detém o poder ali. Minha pesquisa, então, parte desse lugar e... eu quero entender os modos de produção de conhecimento na ciência, porque... eu sou um corpo estranho aqui, né? Como eu disse, nunca foi um lugar que eu imaginei... que eu pensei que eu poderia estar, então eu fiquei muito interessada quando eu entrei, né? Uma... uma curiosidade antropológica por esse grupo social totalmente diferente da minha realidade, né? Os acadêmicos. E... eu... hoje eu estou no final do doutorado, eu tenho consciência que o meu objeto de pesquisa, que é a menstruação das antropólogas em campo, foi um artifício que eu criei para falar do que eu quero mesmo, que é corpo e produção de conhecimento, né? Eu não pesquiso menstruação, eu trabalho com

menstruação e sangue menstrual, eu faço trabalho com essas coisas, né? E eu decidi fazer isso, foram dois pontos de virada, assim... A IUAES de 2018, quando eu assisti uma mesa de antropólogas indígenas falando das dificuldades delas de estar e permanecer na academia. A menstruação foi um ponto debatido assim e... é... amplamente discutido porque quando elas menstruam, elas precisam fazer uma série de resguardos, né? Então, ficar sem ir na aula... é... enfim. Ter uma série de cuidados. E... uma fala me marcou muito de uma das antropólogas falando assim: "A gente, é... nosso sangue não é respeitado dentro da academia, a gente não quer ser um corpo menos produtivo, a gente não quer ser aceita desse jeito. A gente quer que a própria ideia de produtividade dentro desse ambiente mude", né? E... eu fiquei muito impactado com isso. E o segundo momento também foi em 2018, na disciplina da Daniela, que... a gente estava discutindo corpo, discutindo menstruação e uma das alunas, também... de intercâmbio, indígena, colombiana, contou uma coisa completamente surpreendente, né? Que ela tinha aprendido desde pequena a segurar o sangue da menstruação, né? Que nem a gente segura xixi, sabe? Então, ela segurava o sangue, sentia que ia descer, ia no banheiro e soltava. Eu não fazia ideia que só era possível e isso eu fiquei muito curiosa, porque é um nível de conhecimento do próprio corpo gigantesco, né? Bom, é... veio a pandemia em 2020, e todo o meu trabalho se... se desfez e, é... eu comecei a trabalhar, então, dentro de casa, com o meu próprio sangue, tentando eu mesma controlar o meu fluxo, né? Então, respondendo à segunda questão, né? Eu faço uma etnografia, mas a etnografia experimental. É... a minha experimentação é... muito baseada numa formação punk de colagem, de remix, de colocar coisas diferentes lado a lado pra ver o que acontece. É... o sangue menstrual me ensinou muitas coisas, né? Uma das primeiras coisas que eu ouvi na... na minha pesquisa foi que a gente não conversar sobre isso durante as aulas de metodologia, por exemplo, que mulheres vão a campo e menstruam, ensina nós a escondermos isso. E aí, quando você vai a campo e menstrua e você esconde num ambiente que todo mundo sabe que você está menstruando, porque em muitas, é... em muitas comunidades indígenas e de, é... outras culturas é assim, as pessoas sentem o cheiro, elas sabem que você está menstruando e você está escondendo, né? É um sentimento muito grande de... você está sendo é... antiética, falsa, enfim, depois a gente pode conversar mais sobre isso. É... e também eu fui aprendendo que o... esse sangue, é... quando você consegue controlar ele, você consegue controlar um poder muito grande, né? Porque eu acho que todo mundo aqui consegue imaginar o que é que acontece quando o sangue menstrual aparece, né? Que que acontece no ambiente, quando tem um sangue menstrual aparente, né? Quando você consegue controlar esse... esse sangue, é muito poderoso. O sangue tem a ver em muitas culturas ameríndias com vingança, e eu não vou ter tempo de falar sobre isso. Mas a relação entre sangue e vingança foi que me... deu vontade de estar aqui, né? Como uma forma de vingança e de não desistir da universidade. Porque eu acho que a... a grande questão que eu me aliei, e eu acho que é a questão feminista que me carrega é: se vale a pena a gente estar aqui ou não em um ambiente que é contra nós, né? Ou a gente desiste, né? Ou a gente insiste. Como técnica de insistência, eu tenho pensado muito na vingança, em organizar a raiva e o ódio que a gente tem e criar armadilhas para seguir o caminho. Eu posso contar depois o que são essas armadilhas, tá bom? E agora eu vou fazer as minhas perguntas para Isabel. A sua tese foi uma das poucas que tinha uma descrição etnográfica de menstruação durante o seu trabalho de campo, né? Por que que você escreveu sobre isso, o que que te deu vontade de escrever e por que que você acha que é tão incomum encontrar descrições de menstruação em campo? A segunda pergunta é se você poderia falar sobre gênero e trabalho de campo, né? Como o seu gênero foi percebido nas pesquisas que... que você conduziu, se o

seu corpo e a forma como foi generificado em campo trouxeram questões para as suas pesquisas e quais. E uma última pergunta, é... pensando nos seus trabalhos mais recentes, como o feminismo está presente no modo pelo qual essas experiências são conduzidas na prática, né? Como os seus desejos de transformação do mundo se refletem na... nas suas metodologias de pesquisa.

Isabel: É... obrigada, Clarice. Antes de começar a responder as perguntas, eu quero contar que eu tive uma conversa prévia com a Clarissa e... eu fiquei... foi muito interessante porque eu falei para ela aqui, né? Isso tem a ver com a segunda pergunta, na verdade, que eu sinto que a temática de gênero sempre teve, de alguma forma, rondando, assim. E ela falou, “Não, mas para mim, essa pesquisa é sobre gênero, né? Você está falando explicitamente sobre isso”. Então, ela está me convidando a pensar mais profundamente sobre esse tema e está sendo, é... super bacana, assim. E aí, assim, só para as pessoas entenderem, eu vou resumir bem relâmpago o que é que foi minha pesquisa de doutorado, né? E foi um trabalho sobre redes xamânicas contemporâneas no sul do Brasil, enfocando na circulação de um conjunto de práticas, substâncias, performances e pessoas entre grupos muito diversos que era principalmente uma aldeia Guarani, né? Uma família extensa, indígena, um grupo neoxamânico, uma comunidade daimista e um grupo de profissionais da área da saúde. É... é uma rede chamada Aliança das Medicinas, né? E... e... eu estava tentando entender como esses Guarani estavam empregando Ayahuasca como uma medicina tradicional Guarani, é... paralelamente a um conjunto mais amplo de práticas e performances, é... rituais com base numa... numa lógica própria que vinha do sistema xamânico e da cosmologia Guarani. E... e isso tudo estava inserido num processo mais amplo, né? De revitalização do sistema xamânico, da medicina tradicional, das lideranças tradicionais e bom... é... o que é tudo isso tem a ver com a minha menstruação em campo, né? É... muitas das pessoas com as quais eu trabalhei, principalmente para os Guarani e as pessoas do caminho vermelho, que é esse grupo neoxamânico, que assim... eu não vou conseguir entrar em detalhes porque cada um dessas histórias é uma aba gigante, né? Mas eles falavam muito sobre a mensuração, era um tema importante para vários desses grupos e atores, é... cercado de prescrições, interdições, poder e potência, né? E... e eu não cheguei a me aprofundar na questão dos aspectos femininos do sistema xamânico e da cosmologia Guarani por uma questão de recorte, mas as minhas interlocutoras em campo na aldeia que foram também, principalmente mulheres, mais ou menos da minha idade, me falavam muito sobre isso, né? Tinha, inclusive, uma... uma expressão que é o **anhanga precoc**, seria tipo um sistema, modo de vida ou conhecimento, é... das mulheres indígenas, né? E elas falavam o tempo inteiro sobre, é... né? O ritual tradicional da menarca das meninas, que era cercado de resguardos e os próprios resguardos e cuidados que elas mesmo seguiam nas suas vidas cotidianas quando menstruadas e para lidar com essa questão do sangue. Então, era um tema muito presente em campo. E também, é... no contexto do caminho vermelho que as ideias, é... sobre menstruação se aproximavam muito mais do que a gente vê nesse circuito da Nova Era, ligados a essa questão do sagrado feminino, que, aliás, eu tenho uma perspectiva um pouco crítica, mas não vai dar para entrar nisso também. Mas o fato é que tinha uma série de interdições e prescrições, é... ligadas à participação de mulheres menstruadas nos rituais e também em espaços e rituais reservados para mulheres, né? E aí, enfim, em suma, era uma questão importante para muitos dos grupos, é... com os quais eu trabalhei, muitas das minhas interlocutoras em campo falavam constantemente sobre isso... isso impactava, né, as práticas cotidianas e... os espaços que elas tinham ou não acesso nesses momentos. E teve uma situação também que me desencadeou, é...

particularmente escrever sobre isso, que eu fui participar de uma vivência do caminho vermelho, que é a busca da visão e eu menstruei nesse momento. Que... acho... acho que é a descrição que a Clarissa está falando que aparece na tese e isso teve uma implicação direta na pesquisa de campo, porque eu fui direcionada não para o espaço que eu iria normalmente, mas para o espaço que era reservado, é... para mulheres menstruadas, né? E aí, é... por isso que eu também pensei e escrevi sobre isso. E aí eu não sei se eu vou conseguir responder tudo, porque é tipo... a minha... a minha trajetória inteira, mas... mas para falar um pouco sobre a segunda questão, que tem um pouco a ver com isso que eu falei, né? Que eu estou um pouco percebendo como essa temática do gênero sempre teve de alguma forma aí rondando, né? Eu fiz uma pesquisa de campo numa comunidade daimista no sul de Minas, no mestrado, enfocando noções sobre saúde, doença e corporalidade e também em relações entre Biomedicina e espiritualidade. Porque era um grupo que tinha uma presença muito grande, é... de profissionais da área da saúde. E... para quem não conhece, também, não vou poder me aprofundar nisso, mas o Santo Daime é uma religião muito binária, assim... muito marcada para uma divisão rígida entre masculino e feminino, que se reflete nos espaços rituais, nas práticas cotidianas, nas formas como as pessoas se comportam, nas formas como as pessoas se vestem, nas expectativas... enfim, tem uma série de implicações, né, que pesam, em particular, no caso das mulheres. E... e mesmo que eu não tenha aprofundado isso na minha pesquisa de mestrado, essa discussão em particular, né? É... essas divisões trouxeram também implicações práticas na minha pesquisa de campo, porque eu, enquanto mulher, tinha que muitas vezes circular em espaços que eram masculinos, né? Como antropóloga, é... que seriam interditados para mim. Inclusive, eu escrevi um artigo sobre isso, numa coletânea, né, que a Soraya e a Alinne Bonetti, é... organizaram, que aborda a experiência de campo de jovens antropólogas, foi um dos primeiros trabalhos que eu publiquei. E... é... no caso do doutorado, eu já falei um pouco, né? Mas essa divisão entre masculino e feminino também aparecia de diferentes formas nos grupos com os quais eu trabalhei, é... seja de maneira mais implícita ou explícita, né? E no caso dos Guarani em particular, eu sentia assim que o fato de ser uma mulher cis teve implicações diretas para minha entrada e para a minha permanência em campo, né? Como eu já falei, eu dialoguei muito com as mulheres que eram mais ou menos da minha idade, que foram as pessoas que tiveram paciência para sentar comigo e me explicar um pouco, né... enfim... da forma delas de entender o mundo. E uma coisa que eu percebia muito assim é... eram as diferenças nos espaços, porque as aldeias Guarani também, para quem não conhece, elas são muito assediadas, né? Por antropólogas e antropólogos. Então, sempre tem muita gente lá, muita gente interessada. E aí tinha uma diferença nítida, assim, nos espaços que homens e mulheres tinham acesso, na... na forma de recepção... não estou falando, assim, qualitativo, melhor ou pior, mas era diferente, assim, o que se tinha acesso enquanto homem e enquanto mulher, né? É... então, assim, eu acho que nos dois casos, o fato de eu ser uma mulher cis, né, teve implicações diretas para minha entrada em campo, para a realização da pesquisa, para as questões que eu levantei e para a própria forma, é... de produção do conhecimento.

Daniela: Eu queria muito agradecer às seis pessoas que compuseram essa conversa. Queria agradecer a vocês que... que ouviram paciente e silenciosamente as questões que foram colocadas. É... isso vai, espero virar um episódio do Mundaréu que a gente vai publicar na nossa plataforma. Para quem não conhece e quer conhecer mais o projeto, pode pegar aqui comigo, cartõezinhos ou procurar no qualquer tocador de podcast pelo Mundaréu. A gente agora se despede, queria muito agradecer, inclusive, Débora

e Nádia e Telma e Laert pela hospitalidade aqui na UFAL e a gente continua a conversa, é... daqui pra frente.

BLOCO 3: Começando a quinta temporada

Música de fechamento: "Já foi", de Janine Mathias.

Soraya Fleischer: Esse foi o primeiro episódio da quinta temporada do Mundaréu. Agradecemos muito pela sua audição deste episódio. Mais informações sobre as participantes do evento na ESOCITE-BR e o projeto do Mundaréu, você encontra na nossa página: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>

A gente agradece o apoio da equipe que esteve em Maceió: a Fernanda Mariath, Clarissa Reche, Irene do Planalto, Camila Anselmo, Sabrina Neves e Daniela Manica. A equipe que fez a produção final do episódio também merece o nosso agradecimento: Luana Ainoã, Irene do Planalto, Maxie Viana Pereira, Isabela Dantas e Gabriel Marçal. E a equipe que ajudou a divulgá-lo nas nossas redes sociais: a Bruna Santos, Joana Amaral, Fernanda Mariath, Luana Ainoã, Rai Almeida, Sabrina Neves e Vanessa Souza. A música dessa temporada é "Já foi", da cantora Janine Mathias. O Mundaréu integra a Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de Antropologia e Ciências Sociais, do Brasil e de Portugal. Para conhecer estes programas todos de podcast, visite: <https://radiokerekere.wordpress.com/> Kere-kere é com "k".

A FAPESP, a Unicamp, a FAP-DF, o CNPq e a UnB apoiam o Mundaréu e somos todas gratas por isso.

A gente se encontra e se ouve aqui no mês que vem, em setembro, com mais uma conversa sobre antropologia, ciência e feminismo. Até lá!

Música de fechamento: "Já foi", de Janine Mathias, toca até o final.